



CENTRO DE HUMANIDADES.  
DEPARTAMENTO DE HISTORIA.  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA.

TEIKY RAIANY SOUZA DE ALMEIDA

**“MEMORIAS E TRAUMAS EM QUE BOM TE VER VIVA”**

GUARABIRA-PB  
2014.

TEIKY RAIANY SOUZA DE ALMEIDA

**“MEMORIAS E TRAUMAS EM QUE BOM TE VER VIVA”.**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História

Orientador (a): Prof. Pós- Doutora. Susel Oliveira da Rosa.

GUARABIRA

2014.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A447m Almeida, Teiky Raiany Souza De  
Memórias e traumas em Que bom te ver viva [manuscrito] : /  
Teiky Raiany Souza de Almeida. - 2014.  
25 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Susel Oliveira da Rosa, Departamento de  
História".

1. Mulheres. 2. Traumas. 3 .Ditadura Civil-Militar. I.  
Título.

21. ed. CDD 981.063

TEIKY RAIANY SOUZA DE ALMEIDA

**“MEMORIAS E TRAUMAS EM QUE BOM TE VER VIVA”**

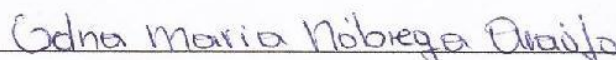
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Graduação em  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Licenciado em  
História.

Aprovada em: 24/07/2014.



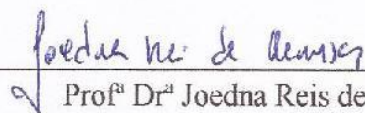
---

Profª Drª Susel Oliveira da Rosa / UEPB  
Orientadora



---

Profª Drª Edna Maria Nobrega Araújo / UEPB  
Examinadora



---

Profª Drª Joedna Reis de Meneses / UEPB  
Examinadora

## MEMORIAS E TRAUMAS EM QUE BOM TE VER VIVA

ALMEIDA, Teiky Raiany Souza<sup>1</sup>.

### RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca discutir e analisar as memórias, os traumas e os esquecimentos a partir das trajetórias das mulheres que lutaram contra a Ditadura Civil Militar (1964-85), tendo como objeto de pesquisa a obra fílmica documental Que Bom Te Ver Viva (1989), dirigido por Lucia Murat.

**PALAVRAS-CHAVES:** Mulheres. Traumas. Ditadura Civil- Militar. Que Bom Te Ver Viva (1989).

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba.  
E-mail: teiky@ibrejo.com.

## **ABSTRACT.**

This paper of Conclusion Course Seeks to discuss and analyze the memories, traumas and oversights from the trajectories of women who fought against the Dictatorships Civil Military (1964-1985), having as object of research documentary filmic work Good to see you alive (1989), by Lucia Murat.

**Key words:** women, traumas, Dictatorship Civil Military, Good to see you alive (1989).

## AGRADECIMENTOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso não teria sido concluído sem a ajuda de muitas pessoas que direta e indiretamente contribuíram para o término deste trabalho, nesta forma quero agradecer:

Primeiramente a Deus, luz que me guia sempre; a minha família que me apoiou não somente na conclusão, mas durante os quatro anos de curso. Agradeço ao meu namorado que me incentivou em tudo, me auxiliando neste projeto e tendo paciência nas horas de incertezas.

Agradeço também aos professores do curso de História, que me ajudaram nesta árdua caminhada; de modo especial à professora Susel Oliveira da Rosa que aceitou orientar-me e que tenho um carinho enorme.

Agradeço também a todos (as) os amigos (as) da turma 2010.2 do curso de História, que os levarem para sempre. E também os amigos dos outros cursos que mesmo com simples palavras me incentivaram nessa travessia. Não poderia de deixar de agradecer as pessoas que contribuíram nesta jornada, dando caronas em frente à UEPB até o centro de Guarabira, onde se localiza o campus III, ajudaram não só a mim, mas a todos os estudantes.

Sou eternamente grata a todos.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>CONSIDERAÇÕES BREVES SOBRE O CINEMA NO BRASIL E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO CHAMADO “CINEMA DE BATOM.....</b> | <b>13</b> |
| <b>UMA BREVE RELAÇÃO ENTRE TRAUMA E MEMÓRIA .....</b>   | <b>17</b> |
| <b>“NO LIMIAR DA DOR”.....</b>  | <b>19</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>22</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>24</b> |



## INTRODUÇÃO:

Com base no Filme/documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989)<sup>1</sup>, a proposta desse artigo é refletir sobre as relações entre memória, trauma e esquecimento a partir da trajetória de mulheres que lutaram contra a Ditadura civil-militar (1964-1985), e visa dar visibilidade à resistência na luta política e armada contra o regime ditatorial que surgia.

As construções da memória e do esquecimento na Argentina, no Uruguai e no Brasil, segundo Flavia Schilling, são definidas de formas bem diferentes em cada um dos países. A autora questiona a construção do esquecimento avançado na história dos países, ela exemplifica o caso do ‘*impeachment*’ de Collor de Mello, ocorrido na década de 1990 no Brasil e afirma que há dificuldade nos levantamentos de dados sobre os fatos da época.<sup>2</sup> Se algo recente para a história do país já está sendo esquecido e recontando os fatos, estes parecem pertencer a ‘pré-história nacional’, questionamos os esquecimentos da Ditadura civil-militar. Exemplo marcante da política do esquecimento foi a lei da anistia promulgada pelo último governo ditatorial de João Figueiredo em 1979 que teve como principal objetivo silenciar as experiências e traumas daqueles que lutaram contra a repressão, num pacto de silêncio que contribuiu para mais um investimento na política de esquecimento da violência na história do país<sup>3</sup>.

Jaques Le Goff sobre os mecanismos da memória afirma que

Os desenvolvedores da cibernética e da biologia enriqueceram consideravelmente [...] a noção de memória. Fala-se de memória central de computadores e o código genético é apresentado como uma memória de hereditariedade. [cf. Jacob, 1970]. Esta extensão da memória à máquina e à vida, [...] teve repercussões diretas nas pesquisas dos psicanalistas e psicólogos sobre a memória. [...] tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das preocupações das classes, dos grupos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são

<sup>1</sup>*Que Bom Te Ver Viva*. Brasil/1989 Gênero: documentário/ drama. Duração: 100 min. Direção: Lucia Murat. Elenco: Irene Ravache, Montagem: Vera Freire; Fotografia: Walter Carvalho; Som direto: Heron Alencar; Diretor-assistente: Adolfo Orico Rosenthal; Direção de produção: Kátia Cop e Maria Helena Nascimento; Cenografia e figurino: Beatriz Salgado; Música original: Fernando Moura; Trilha sonora: Aécio Flávio; Roteiro, e direção e produção executiva: Lúcia Murat.

<sup>2</sup>SCHILLING, Flávia. Memória da resistência ou a resistência como construção da memória. In: PADRÓS, Enrique Serra et al. (orgs.). Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória. Porto Alegre: CORAG, p.142.

<sup>3</sup>MARTINS. Caiani Lopes, Os traumas da Ditadura na memória das ex-militantes no documentário *Que bom te ver viva*. 2011. p, 2.

reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. (1990, p. 368)<sup>4</sup>

Manipulação da memória coletiva que afeta significativamente as mulheres que sempre estiveram presentes na história da humanidade, entretanto nos relatos históricos suas participações eram silenciadas. “Suprimidas da história [as mulheres], foram alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado”. (RAGO, 1995: 15 *apud* TEGA, 2010). Contudo,

O pensamento feminista [tem se] preocupado em denunciar esses silêncios de caráter sexistas pela historiografia burguesa. Também expõe a invisibilidade da mulher na história oficial, a crítica feminista questiona de que modo a desigualdade entre homens e mulheres se estabeleceu e quais formas de modificar essa assimetria de gêneros. (TEGA, 2012, p. 125).

Graças ao movimento feminista<sup>5</sup>, surgido no início do século XX, as mulheres vêm conquistando cada vez mais seus merecidos espaços na sociedade. Os exemplos básicos desta mudança são áreas que antes eram direcionadas somente aos homens; atualmente, as mulheres participam e atuam nos meios de comunicação, na política, no cinema: temos no Brasil e no mundo as excelentes jornalistas, editoras–chefes, presidentas, ministras; diretoras, roteiristas, autoras.

A revista Filme Cultura<sup>6</sup> mostra, em uma de suas edições, o quanto foi importante para o cinema a “produção audiovisual dirigida por mulheres” – nomeado de “Cinema de Batom”. Cinema que nasceu em contraponto ao cinema tradicional exclusivo de homens, no qual as mulheres eram inseridas apenas nas funções de assistentes de direção ou de roteiristas e figurinistas. O “cinema batom” promoveu destaque maior no mercado cinematográfico para as mulheres, que atuam cada vez mais como diretoras e roteiristas.

---

<sup>4</sup>LE GOFF, Jaques, 1924. História e Memória / Jaques Le Goff; tradução: Bernardo Leitão... [et al.] – Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p: 368.

<sup>5</sup> Feminismo é um movimento social, filosófico e político que tem como meta direitos equânimes (iguais) e uma vivência humana, por meio do empoderamento feminino e libertação de padrões opressores baseados em normas de gênero (...). De acordo com Maggie Humm e Rebecca Walker, a história do feminismo pode ser dividida em três "ondas". A primeira teria ocorrido no século XIX e início do século XX, a segunda nas décadas de 1960 e 1970, e a terceira teria ido da década de 1990 até a atualidade. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo> - acessado dia 20/12/13 às 10:40.

<sup>6</sup><http://filmecultura.org.br/04/2013/mais-sobre-o-cinema-de-batom/> acessado em 22/02/2014 às 14:35.

As mulheres estão deixando suas marcas na História, em diversos fatos históricos e a Ditadura Civil-Militar<sup>7</sup> (1964-1985) é um desses fatos em que várias mulheres foram presas, agredidas, torturadas e violentadas e mortas por militares e torturadores que defendiam a “moral e os bons costumes”. Mais de vinte e cinco anos já se passaram desde o fim da Ditadura, e ainda hoje há mulheres que guardam em suas memórias as lembranças desse violento período. Memórias que estão em seus corpos.

A partir dessas memórias, lança-se a questão a ser respondida neste trabalho: como as ex-militantes e hoje em dia mães de família ou mulheres que compõem a sociedade, convivem com as lembranças e os traumas adquiridos durante a ditadura, com as torturas físicas e psicológicas:

Não se trata, aqui, de vitimizar mais uma vez as mulheres, chorando infinitamente as suas dores, nem de construir ingenuamente figuras heroicas e idealizadas, já ultrapassadas. Trata-se, antes, de permitir que a pluralidade da história não seja obliterada pelas narrativas pretensamente universais, sempre excludentes e estigmatizadoras, criando-se espaços para a expressão diferenciada da memória de todos os setores sociais. (RAGO. Desejo de memória. *Apresentação*. 2009)<sup>8</sup>

Mas a questão é como falar de algo que já aconteceu há algum tempo e tempo esse marcante na história, e que ainda causa temor. Como viver numa sociedade que homenageiam os torturadores de um período ditatorial? São questões como essa que procuro responder, pois é impossível saber, sentir, ou imaginar no lugar dum (a) torturado (a). Vendo os filmes que descrevem os horrores desse período, sim, horror, pois a ditadura pode ser comparada ao holocausto sofrido pelos judeus na segunda grande guerra, pois vidas foram retiradas sem ter dito nenhuma palavra. É difícil, pois quando se tem marcas/cicatrices no corpo lembramos só pelo fato de vê-las, mas quando se tem marcas na alma, na memória, é impossível esquecer, é como uma ferida que a qualquer momento pode abrir e dói como se o ferimento fosse feito nesse instante. Sobre as cicatrizes e marcas que não saram Nilce Azevedo Cardoso<sup>9</sup> diz que

---

<sup>7</sup>Esta expressão ditadura civil militar para alguns historiadores é a mais correta por existir uma participação ativa do empresariado brasileiro, em especial, o paulista. Sobre o assunto o documentário Cidadão Boilesen – um empresário que financiou a tortura. Dirigido Chaim Lietwski em 2009.

<sup>8</sup>Ver texto completo em <http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys15/ditadura/marga.htm> acessado em 19/03 às 20:05.

<sup>9</sup>Nilce Azevedo Cardoso um dirigente da Ação Popular do Rio Grande do Sul, foi presa em 1972 pelo DOPS, em um ponto de ônibus da Avenida Oscar Pereira, e conduzida para o palácio da polícia onde foi torturada até entrar em coma. Mais sobre o assunto em [http://www.vermelho.org.br/rs/noticia.php?id\\_noticia=224421&id\\_secao=113](http://www.vermelho.org.br/rs/noticia.php?id_noticia=224421&id_secao=113). Acessado em 26/04/2014 às 10:35.

Eu queria ter certeza de que ela poderia me acompanhar no que iria dizer sobre cicatrização de feridas e do porquê de algumas ainda estarem sangrando, apesar do tempo passado. [...] Minhas cicatrizes estavam mais na alma. Que opção é essa por vida? Haveria possibilidade concreta de uma pessoa torturada chegar a vir a cicatrizar todas as feridas? Parece-me impossível. Mas algumas são e foram. Caso contrário eu não poderia seguir vivendo. (ROSA, 2010, p. 23-24).<sup>10</sup>

O que dói mais para os que estão “vivos” e que conseguiram sobreviver é o simples fato de estarem vivos. Em um dos relatos do documentário *Que Bom Te Ver Viva* e do filme *A Memória Que Me Contam* (2013), há um trecho em comum: no primeiro quando Rosalinda Santa Rosa, codinome Rosa<sup>11</sup>, fala da dor de estar viva em relação ao irmão que foi preso e desapareceu. A família não teve sequer direito a sepultar o corpo: o corpo do irmão nunca foi encontrado, numa morte em suspenso, que não para de acontecer. Rosalinda não se conforma com isso: “que uma das coisas que não me conformava era que eu estava viva e ele não”<sup>12</sup>. Já no filme mais recente, numa cena que se desenrola numa sala de espera do hospital – enquanto um grupo de amigos acompanha a internação de uma amiga de militância – um dos personagens se pergunta o porquê que todos sobreviveram sem sequelas e enquanto a Ana<sup>13</sup> - personagem do filme que está internada - teve dois cânceres, ficou paralítica pelas inúmeras torturas e enlouqueceu. Ainda existe a incógnita destes porquês e tão pouco saberá responde-los atualmente. Entre tantos silêncios ainda existem historiadores que através das pesquisas e documentos procuram conservar as memórias para que não haja outra ditadura. Para isso são produzidas palestras, aulas, livros, filmes sobre o tema.

Muitos filmes e documentários nacionais se tornaram documentos históricos e objetos de pesquisa como *A Memória Que Me Contam* (2013) e *Que Bom Te Ver Viva* (1989) que narram um pouco dos traumas de inúmeras mulheres que durante os anos de regime tiveram seus limites ultrapassados.

---

<sup>10</sup> ROSA, Susel Oliveira da. Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”. / Susel Oliveira da Rosa. Prefácio de Margareth Rago. Apresentação de Nilce Cardoso, Yara Gouvêa e Miriam Paglia. – São Paulo: Intermeios; fapesp, 2013. (Coleção Entregêneros).

<sup>11</sup> Rosalinda Santa Rosa, ex-militante da esquerda armada foi presa e torturada duas vezes. Tem um irmão desaparecido em 1974. Atualmente é professora universitária, teve três filhos.

<sup>12</sup> Trecho do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989); (0: 51:58)

<sup>13</sup> Personagem em homenagem da diretora Lucia Murat à Vera Lucia Magalhães companheira dela de cela.

Na busca de tentar alcançar os objetivos propostos, este trabalho divide-se em três partes. Num primeiro momento faço breves considerações sobre cinema, apresentando a importância deste na preservação da memória e sua contribuição para a História. Num segundo momento, discuto a relação entre trauma e memória através das histórias de mulheres torturadas no regime civil-militar, com base nos depoimentos encontrados em *Que Bom Te Ver Viva*. Na terceira e última parte, faço breves considerações sobre as torturas sofridas por mulheres utilizando os relatos de Nilce Azevedo Cardoso para o livro “Mulheres ditaduras e memórias: Não imagine que precise ser triste para ser militante” (ROSA, 2013) e nos depoimentos de *Que Bom Te Ver Viva*.

## **CONSIDERAÇÕES BREVES SOBRE O CINEMA NO BRASIL E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO CHAMADO “CINEMA DE BATOM”.**

A utilização da imagem através do cinema e da TV tornou-se um elemento primordial para a sociedade atual: entrar numa sala de cinema ou usar algum filme como documento, como fonte histórica é algo comum hoje. Quanto ao cinema, Marc Ferro lembra que:

O cinema quando nasceu era visto pela sociedade científica apenas como um meio de entretenimento e não como uma fonte documental, era ignorado pelos historiadores. O filme era considerado como uma espécie de atração de quermesse [...] assim, para os juristas, para as pessoas instruídas, para a sociedade dirigente e para o Estado, aquilo que não é escrito – a imagem – não tem identidade. (FERRO, 2010, p. 29).

Foi a partir dos escritos de historiadores como Ferro e Barros, entre outros, e após o surgimento da Escola dos Annales (1929) que o “fazer história” teve um profundo enriquecimento mundial:

“O mundo sofreu uma expressiva influência cultural graças à linguagem cinematográfica, isso se deu aos efeitos que a imagem pode gerar, criando uma nova sensibilidade, novos valores, ideias e comportamento”. (MARTIN, 2011, p. 3)

Já o cinema no Brasil teve auge com o movimento cultural do Cinema Novo<sup>14</sup> (1960-70): arte “engajada” que promoveu uma estética nacional de prestígio para o cinema brasileiro com a produção de diversos filmes. O “cinema novo” foi um movimento que surgiu através de cineastas brasileiros com o intuito de produzir obras cinematográficas que discutissem a realidade vivida pela população. Baseado no Neorealismo Italiano, o cinema novo era produzido com o lema “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” e pouquíssimos recursos financeiros. O movimento resultou em filmes que atualmente são considerados patrimônios culturais. No entanto, o “cinema

---

<sup>14</sup>Ver Cinema Novo no link [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema\\_novo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_novo) acessado em 10/01/14 às 13:30.

novo” foi um movimento também que excluía as mulheres: não havia ainda espaço para as mulheres roteiristas e diretoras.

A produção audiovisual dirigida por mulheres conhecida como Cinema de Batom foi um movimento que funcionou como contraponto ao cinema tradicional exclusivo de homens, no qual as mulheres eram inseridas apenas nas funções de assistente de diretores e figurinista e assim, o movimento surgiu com o intuito de promover para a mulher um destaque maior no mercado cinematográfico, resultando nas funções de diretoras e roteiristas. E é por essa significação para a história que pesquisas sobre o cinema feminino encontram muito espaço atualmente. “O pesquisador e autor Luis Felipe Miranda<sup>15</sup> com o coorganizador Fernão Ramos<sup>16</sup> calcula que entre 1897 a 1999, filmaram no Brasil quase 950 diretores. Quantas seriam as assinaturas femininas entre esses nomes? Não chegam a 200.”<sup>17</sup>

Com esses dados dá pra constatar o quanto ainda é restrito o espaço feminino no século XX. Somente, segundo os pesquisadores, em 1930 que apareceu a pioneira, Cleo de Verberena, a única mulher diretora brasileira de uma fita muda: “O mistério do dominó preto”<sup>18</sup>. O longa-metragem se passa no fim do primeiro dia de carnaval quando o personagem Marcos (Nelson de Oliveira) regressou ao quarto que ocupava com seu colega Virgílio (Laes Reni) – ambos estudantes de Medicina – e ao abrir o guarda-roupa deparou-se com o cadáver de uma mulher jovem de aproximadamente 26 anos e um dominó preto. Neste momento chega Virgílio. Marcos acusa-o de assassino. A morta era Cleo (Cleo de Verberena), esposa do Comendador Fernando Almeida (Emilio

---

<sup>15</sup>Luis Felipe: autor do Dicionário de cineastas brasileiros (Art Editora, 1990)

<sup>16</sup>Ver Fernão Pessoa Ramos autor da Enciclopédia do Cinema Brasileiro (Ed. Senac. 2000) ver também sobre o autor em <http://www.iar.unicamp.br/docentes/fernaoramos/> Professor Titular do Departamento de Cinema do Instituto de Artes da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Foi presidente fundador da SOCINE (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema) (1997/2001). Atuou como professor convidado do Departamento de Cinema e Audiovisual da Universidade Paris III /Sorbonne Nouvelle (2000). O livro mais recente de sua autoria é *A Imagem-Câmera* de 2012 (Papyrus).

<sup>17</sup>Ver mais sobre o assunto em: <http://filmeicultura.org.br/04/2013/mais-sobre-o-cinema-de-batom/> acessado em 22/02/2014 às 13:35.

<sup>18</sup>Categoria: Longa-metragem de ficção, Gênero: Drama. Ano: 1930; Local de produção: São Paulo; Produtora: Épica Filme; Direção: Cleo de Verberena. Elenco: Cleo de Verberena; Nelson de Oliveira; Rodolfo Mayer; Laes Reni; Emilio Dumas; Lina Vera; Lucy Déia. < o primeiro filme dirigido por mulher >

Dumas). Cleo antes de morrer conta a Marcos que Renato (Rodolfo Mayer) a envenenara.<sup>19</sup>

Carmen Santos, também uma diretora da pioneira, foi uma grande atriz e produtora, quebrando os paradigmas segundo os quais se dizia que uma mulher não conseguiria dirigir e nem produzir filmes. Carmen Santos “que nomeia o primeiro edital de fomento à produção feminina, simboliza com todos os méritos a luta das mulheres para se [fazerem] presentes num mundo, o cinematográfico.”<sup>20</sup>. Ela dirigiu o filme longa-metragem “Inconfidência Mineira”, que começou a ser filmado em 1938 e só foi concluído em 1943. Em 1940 além de Carmen, o público conheceu Gilda Abreu, autora e diretora de três títulos: *O ébrio* (1946); *Pinguinho de gente* (1947) e *Coração materno* (1949).

Durante os anos que subseguem poucas diretoras conseguem terminar seus filmes e longas-metragens. O momento mais trágico na história do Cinema de Batom se dá justo nos anos 1960, quando o Cinema Novo alcançou prestígio internacional. A década de ouro de nosso cinema autoral é inegavelmente masculina, constatamos nos arquivos dos filmes, nomes em destaque como Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha, entre outros. E é apenas na década de 1970, considerada um divisor de águas para o cinema feminino, que três importantes diretoras formam um trio muito produtivo no cinema feminino brasileiro – Tizuka Yamasaki, Ana Carolina e Lúcia Murat – uma estreante dos anos 80. Lucia Murat<sup>21</sup> quase em toda sua obra fílmica aponta um pouco de sua vivência durante os anos de ditadura, desde que foi presa pela primeira vez aos 17 anos e torturada durante dois meses e meio no DOI-CODI. Desde seu primeiro longa-metragem, *Que Bom Te Ver Viva* (1989). O documentário exerceu para a diretora uma “válvula de escape”, A personagem anônima exerce um papel de ‘alter-ego’ de

---

<sup>19</sup> Ver sobre a sinopse no site <http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=005393&format=detailed.pft> acessado em 22/03/2014 às 14:36.

<sup>20</sup> CAETANO, Maria do Rosário. Outro olhar: Cinema de Batom. **Filme Cultura**. Nº 59, abr. mai. jun. 2013. p. 71-3).

<sup>21</sup> Lucia Murat ao longo de sua carreira como cineasta dirigiu filmes importantes para o cinema brasileiro como o Filme-Documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989) foi premiado como melhor filme do júri oficial, do júri popular e da crítica no Festival de Brasília de 1989; *O Pequeno Exército Louco* (1984); *Doces Poderes* (1997); Selecionado para o Festival de Sundance e Festival de Berlim em 1997; *Brava Gente Brasileira* (2000); *Quase Dois Irmãos* (2004) Prêmio de melhor direção no Festival do Rio 2004. Prêmio de melhor filme latino-americano pela Fipresci. Prêmio de melhor filme no Festival de Mar Del Plata 2005; *O Olhar Estrangeiro* (2006); *Maré, Nossa História de Amor* (2007); *Uma Longa Viagem* (2011); *A Memória Que Me Contam* (2013).



Murat, na qual ela expõe todos os seus traumas, personificando-os. (MARTINS, 2011, p. 16).

Através dos seus filmes Murat aborda temas sobre a memória e a violência, no qual mostra que os ex-militantes políticos possuíram um papel na ditadura e não foi de vítima. *Que Bom Te Ver Viva* mistura ficção e documentário em vivências da violência e da realidade, que tenciona os limites entre ambos (documentário-ficção). Lembrando que para Bill Nichols tanto os filmes ficcionais quanto os não ficcionais são documentários.

Os filmes ficcionais despertam nossa imaginação, eles carregam aquilo que desejamos e aquilo de que temos medo, esses sentimentos são concretizados apenas para a observação do espectador. A finalidade é fazer com que a plateia compartilhe e assuma essas verdades como suas ou apenas que conheça outros mundos. Já nos documentários está presente a necessidade de fazer crer o que está no filme. (NICHOLS, 2005. *apud* MARTINS, 2011, p. 7)

Nesse sentido, certamente que um exemplo de documento que o cinema promove é o documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989). O documentário como afirma Ferro é utilizado para escrever a história de nosso tempo, e é isso que este documentário tenta repassar, através da diretora que vivenciou o período da ditadura civil-militar.

*Que Bom Te Ver Viva* tem como principal objetivo trabalhar no sentido contrário ao esquecimento e a degeneração do passado. Afirma TEGA (2010) que:

Trabalhar com memória não significa apenas considera-las como um objeto, mas se trata de uma tarefa ética quando a preocupação está relacionada ao resgate de utopias não realizadas no passado, [...]. Desse modo, não se trata apenas da memória construída sobre os acontecimentos de uma sociedade, mas do debate em torno desta construção. (p. 124).

## UMA BREVE RELAÇÃO ENTRE OS TRAUMAS E AS MEMÓRIAS

Trauma vem do *grego* (traûma) “ferido” que até o início do século passado era apenas visto como algo físico, termo usado na medicina, porém Freud passou a usar o termo também na psicanálise, trabalhando-o como algo amplo. Segundo Seligmann, “**O trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa.** O trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico, prototípico no que se refere no que concerne a sua estrutura temporal.” (SELIGMANN. 2008: 69)<sup>22</sup>. E é nesse segmento que uso o trauma para entendermos um pouco do que foram as torturas das ex-militantes e de como essas “feridas” ainda “doem”. “Para Freud nos conceitos da psicanálise o trauma seria uma ferida na memória. Trata-se da incapacidade de recepção de um evento que passa dos ‘limites’ da nossa percepção e torna-se para nós algo sem forma.” (SELIGMANN, 2000, p. 84).

A memória traumática em pessoas que foram torturadas, muitas das vezes é irreversível e chega à loucura. Perseguição, medo, desconfiança, preocupação são esses os tantos sentimentos que amedrontam uma pessoa que se viu sobre a tortura extrema. Um exemplo claro desses efeitos está no filme *A Memória Que Me Contam* (2013)<sup>23</sup> dirigido também por Murat, na qual ela retrata a vida de um grupo de amigos que “sobreviveram” ao regime e tentam compreender a vida atualmente com lembranças passadas e as tantas reviravoltas que ocorreram no passado e refletiram no presente. Eles se sentem confusos quando uma amiga deles está à beira da morte e é esse o cenário que leva ao longo do filme, as consequências, as loucuras e atos realizados pela personagem Ana, personagem marcada pelo trauma. A memória do trauma que para Seligmann é:

[...] é sempre uma busca de ‘compromisso’ entre o trabalho da memória individual e outro constituído pela sociedade. Aqui a já em si extremamente complexa tarefa de narrar o trauma adquire mais um série de determinantes que não podem ser desprezados mesmo quando

---

<sup>22</sup> Todos os trechos do autor citados foram retirados do artigo: SELIGMANN – SILVA, Marcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, Vol. 20. N.1, p.65-82. 2008.

<sup>23</sup>Ficha Técnica: ROTEIRO: Lucia Murat e Tatiana Salem Levy; DIREÇÃO: Lucia Murat; PRODUÇÃO: Adrian Solar, Felicitas Raffo Julia Solom onoffe Lucia Murat; entre outros; Elenco: Irene Ravache (Irene) Simone Spoladore; entre outros. As informações da ficha técnica foram retiradas do site: <http://www.taigafilmes.com/memoria/creditos+a-memoria-que-me-contam.htm> acessado no dia 21/01/14 as 15:00.

nos interessamos em primeiro plano pelas vítimas individuais. (SELIGMANN, 2008, p. 67)

Os traumas são fortes e traz sequelas para um torturado, no documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989) os depoimentos desses traumas, são de mulheres, cada uma com suas dores. Mulheres como Maria do Carmo Brito que foi torturada durante dois meses seguidos, participava do comando da organização de guerrilheira VPR (Vanguarda Popular Revolucionária). Ela é um exemplo de como as torturas e traumas afetam a vida social das “vítimas”. Em seu depoimento, Maria aponta uma sequela que adquiriu após as torturas sofridas e que carrega pra sempre: quando se preocupa com sua família, antes da tortura, ela ficaria apenas com preocupação, mas após, Maria adoece, tem crises de vômitos, passa muito mal.

“Os traumas não pode ser esquecido, mas não pode ocupar a vida inteira da pessoa”.<sup>24</sup> O trecho do depoimento do marido de Estrela Bohadana, ele sendo também como ela, judeu, pode entender e ajuda-la a analisar o significado das inúmeras torturas que sofreu e de uma procissão que foi obrigada a participar. Ela nos relata o trauma que sofreu pela tortura com animais, usaram uma lagartixa em sua cela. O medo/pânico de insetos após torturas com eles, é intenso. Como diz a personagem de Irene Ravache, “o meu medo é nobre, não é uma neurose qualquer, afinal de contas ninguém gostaria de ser torturada com baratas”. Então a partir deste exemplo, podemos notar que as sequelas das torturas nas vítimas estão presentes tanto fisicamente, quanto psicologicamente.

Sobre essas experiências do trauma, Cathy Caruth afirma que:

A característica essencial do trauma é o adiamento. O evento não é assimilado ou experienciado de forma plena naquele momento, mas tardiamente, na possessão repetida daquele que experienciou. (CARUTH, 1995, p. 4 *apud* SELIGMANN, 2000, p. 8).

---

<sup>24</sup>Trecho do filme/documentário *Que Bom Te Ver Viva*. (00:21:28)

## “NO LIMIAR DA DOR”

A tortura é um tema polêmico e algo que ainda incomoda, está presente na história e na sociedade atual. Percebe-se que são muitos os tabus criados na sociedade e para as pessoas que foram torturadas falar sobre essa experiência inexplicável torna algo difícil, pois muitos sentimentos envolvem suas memórias, tais como: medo, vergonha, impunidade, desprezo que paradoxalmente interligam na esperança, no orgulho e na honra são esses sentimentos que permeiam a vida de quem viveu durante os “anos de chumbo” nas décadas de 60/70.

A vida era reduzida à “vida nua”<sup>25</sup>, tirando sua roupa deixando-a nua, era retirada sua pele, sua intimidade. No limiar da tortura Nilce Cardoso diz sobre sua experiência:

Você é despida, mas não é só a roupa, eles vão tirando sua pele, vão falando coisas horríveis... é como se nada sobrasse. [...] às depreciações, aos socos e pontapés, seguiu-se o choque elétrico. [...] A dor, a raiva, o ódio, misturados com um sentimento de impotência, criavam-me um quadro assustador. E eu me seguia muda. (ROSA, 2013, p. 61)

A tortura e todo ato de agressão contra os presos políticos são permitidos após o AI-5 sendo promulgado em 1968. Mas a prática de tortura já estava sendo exercida antes dos atos institucionais<sup>26</sup>, o AI-5 veio somente para dar um meio legal, jurídico, para a tortura e a violência. A tortura feminina ocorria na forma de estupros, afogamentos, paus de arara, choques elétricos na vagina, seios e útero. “Mesmo que a nudez e a tortura nos órgãos genitais fossem práticas comuns para ambos os sexos, o estupro era prática utilizado especialmente contra mulheres” (ROSA, 2013, p. 59)

“O estupro tem sido utilizado como arma de guerra, sem distinção de idade, raça ou estilo corporal” (SWAIN, 2009 *apud* ROSA, 2013, p. 59).

---

<sup>25</sup> Expressão utilizada por Rosa (2013) a partir da leitura de Giorgio Agamben.

<sup>26</sup> Os atos institucionais foram normas e decretos expedidos durante a ditadura civil militar pelos comandantes-gerais do exército, da marinha e da aeronáutica que durante o regime comandavam o país. Essas normas estavam acima de todas as outras leis e até mesmo da constituição. Foi expedidos 17 atos durante o período de (1964-85), tendo segundo o governo militar combater a corrupção e a subversão. O mais famoso dos atos foi o conhecido AI-5 que foi considerado o pior dos atos baixados, pois concedeu ao Presidente da República enormes poderes, tais como: fechar o Congresso Nacional; demitir, remover ou aposentar quaisquer funcionários; cassar mandatos parlamentares; suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer pessoa; decretar estado de sítio; julgamento de crimes políticos por tribunais militares, entre outras medidas. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Atos\\_Institucionais](http://pt.wikipedia.org/wiki/Atos_Institucionais). Acessado em 25/04/2014.

De acordo com Rosa (2013), na condição feminina, as mulheres militantes eram vistas pelos próprios esquerdistas e pelos agentes do regime como “desviantes da sua natureza”. “O primeiro passo”, para ser militante era “adequar-se ao modelo masculino do militante, com base na divisão dimórfica do mundo” (2013, p. 43). Nilce Azevedo Cardoso narra esses relatos sobre o momento da dessexualização *da* militante. Ela também descreve que a mulher deveria metamorfosear-se visualmente aproximando-se da figura *do* militante. [grifos da autora].

Nilce além de metamorfosear-se “no” militante, quando entrou para a clandestinidade, tornou-se invisível para a sociedade, para a família e, para os próprios companheiros da militância. Após ser presa, tornou-se não mais uma pessoa e sim um objeto/humano a ter seus limites rompidos:

[...] Na impotência de uma fragilidade que tangencia a morte, submerge uma potencia superior. No limiar entre a vida e a morte ou entre o humano e o inumano, a desfiguração do corpo é capaz de inventar novas conexões, forças, potencias que libertam e atravessam, encontrando ‘uma vida’. (ROSA, 2013, p. 61)

A tortura é uma luta constante entre o torturador e o (a) torturado (a), onde o primeiro deseja destruir a vitima fisicamente e psicologicamente sem nada a perder, e a vitima busca resistir às dores físicas, sem ultrapassar o seu limite entre a vida e a morte, pois é isto que torturador deseja: cortar o “fio da vida”. A ex-militante Maria do Carmo diz que a tortura “é uma luta constante pra você se manter inteiro.”<sup>27</sup>

No documentário *Que Bom Te Ver Viva* a cena inicial é de uma mulher sentada no chão em uma sala com poucos móveis. Ela retira uma fita de VHS do aparelho de videocassete e insere outra, e uma *voz-over* expressando seu pensamento: “Vejo e revejo as entrevistas e a pergunta permanece sem resposta. Tudo inicia aqui, na falta de resposta. Acho que deveria trocar a pergunta ao invés de ‘por que sobrevivemos’, ‘como sobrevivemos’?.”<sup>28</sup>

Um dos sentimentos que todas as sobreviventes possuem é viver, estar viva. Para algumas das depoentes a maternidade simboliza essa afirmação de vida, poder dar vida. A Regina Toscano, que estava grávida ao ser presa, perdendo o filho pelas torturas que sofreu. O desejo de ter um filho para ela significou a liberdade. Regina relata que foi humilhada já no momento da prisão. Prisão que se deu após uma perseguição policial na

<sup>27</sup>Trecho transcrito do filme *Que Bom Te Ver Viva* (1989) (00:13:54)

<sup>28</sup>Idem (00:00:43)

qual foi presa juntamente com os companheiros do grupo que pertencia. Foi obrigada a ficar nua e os policiais a revistaram ali mesmo na pedreira, invadindo sua vagina com o intuito de encontrarem alguma arma escondida, que ela afirma que “eles sabiam que não havia nenhuma arma”. Ou seja, o objetivo da revista era degradá-la, humilhação que ocorria especialmente às mulheres.

Mesmo no limiar dos traumas e dores, essas mulheres superaram seus limites e recomeçaram suas vidas, cada uma nos seus limites de superação puderam dar as respostas para seus algozes, dizendo que sobreviveram. Por muitos anos, silenciaram os fatos que fazem parte das suas histórias, porém não podem calar-se. O documentário não quer um final feliz. “A proposta dele não é explorar a violência que essas mulheres foram submetidas. Mas entender o como essas mulheres sobreviveram a essas mesmas violências”. (MARTINS, 2011, p. 20).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões abordadas neste trabalho podemos perceber a utilização do documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989) e tantos outros meios de comunicação para a construção da memória e do esquecimento através das vivências e lutas das mulheres que utilizamos no documentário.

O documentário remete as memórias de um passado que possui uma importância significativa para as mulheres que sobreviveram as torturas e aos anos de repressão nos presídios pelo país. Os próprios depoimentos utilizados pela diretora e até mesmo a personagem anônima são meios para que a diretora colocasse sua voz e explicasse sua própria vivência de ex-militante.

Nesse sentido, concordo com MARTINS (2011) quando ela diz que

O filme de Lúcia Murat cria o desafio da reconstrução histórica e democrática no Brasil. Que bom te ver viva nos faz refletir a memória política num período recente, segundo a narrativa das testemunhas, por meio daquilo que é o oposto à compreensão: a tortura e o desaparecimento político durante o período da ditadura militar. A ideia abarcada no documentário é a de que as emoções expostas pelos relatos, se interrogadas de uma maneira correta, proporcionam um sentido para o inexplicável da repressão. (MARTINS, 2011, p. 24).

O sentido da palavra “sobreviver” para as mulheres do documentário *Que Bom Te Ver Viva* possui uma duplicidade fundamental: não é apenas o simples fato de viver, mas de que elas superaram seus limites. Com a força de lutar e de potencializar suas vidas após os traumas, essas mulheres conseguiram superar seus medos e seguir suas vidas. Muitas depois do nascimento dos filhos a exemplo dos depoimentos de Regina Toscano, Jesse Jane, Maria do Carmo e tantas outras que lutaram para sobreviver. Essa é uma resposta de vida, dando continuidade a vida que não lhe foi tirada, tentaram, mas não conseguiram.

Nesta luta para dar continuidade em suas vidas MARTINS (2011) diz que:

Todas as vítimas deram continuidade as suas vidas, umas casadas outras não, a maioria com filhos, e todas trabalhando. Curiosamente, todas trabalham com profissões capazes de promover um autoconhecimento, e causar uma conscientização nos outros, ou profissões capazes de cuidar dos outros. Elas são educadoras, historiadoras, filósofas e enfermeiras. (MARTINS, 2011, p. 23).

Foi através da superação e da amizade que o documentário *Que Bom Te Ver Viva* foi criado, no final do prólogo Murat diz que o filme é uma homenagem para aqueles que sobreviveram e também é um reencontro das pessoas que estão saindo do exílio. O nome do documentário apresenta essa síntese desse reencontro, *Que bom te ver* é um cumprimento de pessoas que há algum tempo não se veem e foi acrescida a palavra *Viva* em referência às pessoas que correram risco de morte durante a Ditadura. Uma cena chave desse reencontro é quando a diretora ao induzir através da junção de cenas onde a Rosalinda, a Regina Toscano e as outras mulheres saem para festejar com as amigas, dá a impressão que estão em um mesmo ambiente. E a voz-over diz: “Mas foi bem depois da anistia que você me encontrou, ficou muito espantada em me ver e disse emocionada: *Que Bom Te Ver Viva!* Eu também ri e mais uma vez fiquei sem saber o que responder”.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FERRO, Marc. Cinema e história / Marc Ferro; Tradução: Flavia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LE GOFF, Jaques, 1924. História e Memória / Jaques Le Goff; tradução: Bernardo Leitão ... [et al.] – Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINS. Caiani Lopes, Os traumas da Ditadura na memória das ex-militantes no documentário Que bom te ver viva. Frederico Westphalen, RS / UFSM, 2011, p: 1-26.

NESTROVISKI. Artur, SELIGMAN-SILVA. Marcio, Catástrofe e Representação. *História do Trauma* – Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Escuta. 2000, p. 37-50.

ROSA, Susel Oliveira da. Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”. / Susel Oliveira da Rosa. Prefácio de Margareth Rago. Apresentação de Nilce Cardoso, Yara Gouvêa e Miriam Paglia. – São Paulo: Intermeios; fapesp, 2013. (Coleção Entregêneros).

SCHILLING, Flávia. Memória da resistência ou a resistência como construção da memória. In: PADRÓS, Enrique Serra et al. (orgs.). Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória. Porto Alegre: CORAG, 20

SELIGMANN – SILVA, Marcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, Vol. 20. N.1, p.65-82. 2008.

TEGA, Danielle. Memória da Militância: Reconstruções da Resistência Política Feminina à Ditadura Civil Militar. *Estud. sociol.*, Araraquara, v.17, n.32, p.123-147, 2012.

## Filmografia:

*Que Bom Te Ver Viva*. Brasil/1998. Gênero: documentário/ drama. Duração: 100 min. Direção: Lucia Murat. Elenco: Irene Ravache. Montagem: Vera Freire. Fotografia: Walter Carvalho. Som direto: Heron Alencar. Diretor-assistente: Adolfo Orico Rosenthal. Direção de produção: Kátia Cop e Maria Helena Nascimento. Cenografia e figurino: Beatriz Salgado. Música original: Fernando Moura. Trilha sonora: Aécio Flávio. Roteiro, e direção e produção executiva: Lúcia Murat.

*A Memória Que Me Contam*. Lucia Murat. 2013.

**SITIOS ELETRONICOS:**

Sobre feminismo ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo> - acessado dia 20/12/13 às 10:40.

Sobre cinema de Batom ver <http://filmeicultura.org.br/04/2013/mais-sobre-o-cinema-de-batom/> acessado em 22/02/2014 às 14:35.

Ver texto completo em

<http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys15/ditadura/marga.htm> acessado em 19/03 às 20:05.

Sobre Nilce Azevedo Cardoso:

[http://www.vermelho.org.br/rs/noticia.php?id\\_noticia=224421&id\\_secao=113](http://www.vermelho.org.br/rs/noticia.php?id_noticia=224421&id_secao=113). Acessado em 26/04/2014 às 10:35.

Ver Cinema Novo no link [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema\\_novo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_novo) acessado em 10/01/14 às 13:30.

Ver Fernão Pessoa Ramos autor da Enciclopédia do Cinema Brasileiro (Ed. Senac. 2000) ver também sobre o autor em <http://www.iar.unicamp.br/docentes/fernaoramos/>

Ver sobre a sinopse do filme “o mistério do dominó preto” no site <http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=005393&format=detailed.pft> acessado em 22/03/2014 às 14:36.

Ver sobre Lucia Mutat no site [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAcia\\_Murat](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAcia_Murat) acessado em 25/07/14 às 20:50.